



MESTRADO PROFISIONAL

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

2018

**PROPOSTA DE ENSINO PARA FORMAÇÃO DE LEITORES
RODAS DE LEITURA EM ESPAÇOS ALTERNATIVOS**

**Angélica C. Bela Alves
CENTRO DE ESTUDOS
UNIFICADOS BANDEIRANTE -
SANTOS – SP**

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
MESTRADO PROFISSIONAL
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

ANGÉLICA CARREIRA BELA ALVES

ORIENTADORA: IRENE DA SILVA COELHO

PROPOSTA DE ENSINO PARA FORMAÇÃO DE
LEITORES
RODAS DE LEITURA EM ESPAÇOS ALTERNATIVOS

SANTOS
2018

A477n Alves, Angélica Carreira Bela.

Narrativas de suspense no ensino fundamental II : rodas de leitura em espaços alternativos / Angélica Carreira Bela Alves – Santos, 2018.
167 f.

Orientadora : Professora. Dra. Irene da Silva Coelho.

Dissertação (Mestrado em práticas docentes no ensino fundamental) -
Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2018.

1. Suspense. 2. Leitura.

I. Título.

CDD 370



PROPOSTA DE ENSINO PARA FORMAÇÃO DE LEITORES

RODAS DE LEITURA EM ESPAÇOS ALTERNATIVOS

Toda nova proposta pedagógica precisa ser compreendida para ser aceita. Assim, a proposta aqui descrita, leitura de narrativas de suspense em lugares alternativos, descreve uma experiência que foi democraticamente criada.

Os alunos da salas de aula apresentavam características bem diversas, mas a roda de leitura manteve os combinados pré-estabelecidos sendo lembrados a todo o momento. Essa atitude foi importante para que a leitura das narrativas de suspense fosse realizada num clima harmonioso com compreensão da história pelos alunos envolvidos. A postura dos alunos no momento da roda de leitura é um facilitador para que o objetivo que é descrever a leitura como prática democrática, fundamental na formação do senso crítico e de cidadania fosse atingido. É evidente que o aspecto pedagógico aqui é primordial, porém a realização da atividade de maneira prazerosa faz com que o grupo participe efetivamente.

O interesse dos alunos aumentou a cada aula em que a roda de leitura acontecia, pois começaram a conhecer a história e por ser uma narrativa de suspense a expectativa aumentava a cada capítulo. As aulas, já estabelecidas dentro do horário de cada classe, eram esperadas pela turma e se houvesse algum feriado, os alunos pediam reposição em outro dia. Essa atitude demonstrava o interesse dos alunos para a realização da roda de leitura.

A observação e anotações dos resultados de cada roda serviram para adaptações ocorridas a todo o momento, pois é uma pesquisa-ação. Além das observações, os alunos responderam perguntas em forma de grelhas, fichas de avaliação e acompanhamento. Técnicas de observação e grelhas necessitam de um maior envolvimento do pesquisador que precisa ter um olhar atento, paciente e honesto aproximando os membros da pesquisa. Saber ouvir os alunos sobre suas expectativas para a atividade desenvolvida e mesmo sugestões que surgem é fundamental.

A roda de leitura, dentro das minhas aulas, teve início numa escola da periferia, em que os alunos não possuíam nenhum acesso a livros. As aulas aconteceram com a leitura de capítulos de livros escolhidos pela classe. Dessa maneira, os alunos ouviram três livros durante aquele ano, mostrando interesse a cada nova leitura.

A pesquisa aqui desenvolvida teve a participação do grupo controle e do grupo experimental.

A partir daí, no ano de 2016, na UME A. S. S., iniciei todo o processo da pesquisa com quatro salas de 8º anos, sendo esse o grupo controle. Primeiramente, conversei com os alunos sobre as leituras realizadas pelos pais ou familiares para eles quando pequenos. Os alunos afirmaram que ouviram poucas histórias infantis, devido às atividades profissionais da família e falta de tempo das mesmas. Esse grupo era constituído por um número significativo de alunos frequentadores da biblioteca. Essa frequência era incentivada pela auxiliar de biblioteca com horários semanais de todas as classes para empréstimos de livros. Porém, a escola possuía também um número elevado de alunos com defasagem leitora, pois não liam nenhum livro há muito tempo. Pode-se perceber que era uma escola com aspecto cognitivo bastante heterogêneo e era preciso ter um olhar atento para que todos participem.

A roda de leitura com a mediação da professora ou auxiliar de biblioteca foi um método facilitador para que todos se apropriassem da história trabalhada. As narrativas de suspense despertaram o interesse dos alunos e os espaços utilizados para a realização da roda de leitura tornou todo o processo mais agradável.

O grupo experimental foi em 2017 na UME C.S.. Os alunos responderam questionário que serviu para a análise dos dados. Foram alunos de 8º e 9º anos que participaram das leituras das narrativas de suspense em aulas semanais.

No campo empírico, a análise se fez pela observação da interação e interesse dos alunos durante toda a leitura realizada nas rodas. Nesse sentido, Bakhtin (1988) afirma que o sujeito interage de maneira verbal socialmente. Na construção da identidade, utiliza das relações do diálogo com outras pessoas

para compreender sob sua própria perspectiva os pensamentos e as visões de mundo. Assim, nas leituras de narrativas de suspense realizadas em rodas de leitura, os alunos posicionaram suas ideias e pensamentos, criando momento de troca entre eles. Esses posicionamentos foram confirmados ou não durante a sequência dos acontecimentos da história. Muitas vezes houve a rejeição de um pensamento de acordo com o desencadear dos acontecimentos, que também serviram para ampliação do aspecto cognitivo.

As narrativas de suspense deram oportunidade para que várias possibilidades de pensamentos ocorressem. Assim, foi importante que a história fosse interrompida para que os alunos pudessem opinar sobre possíveis caminhos.

Analisando determinadas passagens das histórias lidas, sob as perspectivas de Bakhtin (1988), nossa fala pode ocasionar, no interlocutor, reflexões diferentes, dependendo de como é contada a história, em que meio ocorre e como acontece pode diferenciar a sua compreensão.

Bakhtin (1988) afirma: “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar seu lugar adequado no contexto correspondente” (p.132). Dessa forma, o “contador” da história pode levar o ouvinte a criar outros pensares e possibilidades de compreensão. Para iniciar as rodas de leitura, é bom que aja certo “ritual” integrando todos os alunos e a professora-mediadora deve estimular todo o processo diariamente.

Durante a roda de leitura, a interrupção da história é uma estratégia que aumenta o momento de suspense e as perguntas para a turma incentiva o aluno a expressar suas emoções e pensamentos, transformando-o num ser pensante e atuante em todo o processo. Por vezes, o mediador antecipa os acontecimentos por não acreditar na compreensão auditiva dos alunos, interpretando para eles o sentido do texto, não permitindo a interação tão importante.

O mediador leitor precisa atualizar determinados termos ou explicar os vocabulários desconhecidos para que todos possam entender. Se necessário, resumir os acontecimentos caso sirva para uma compreensão melhor da história.

Há autores que utilizam a descrição de ambientes e personagens de maneira detalhada e os alunos acabam por dispersar a atenção. Nesse momento, explicar como o autor utiliza da descrição para que o leitor possa imaginar aspectos dos personagens e ambientes. Afinal, não há como ver o que ocorre e a descrição ajuda a imaginação, fazer um paralelo com filmes e novelas televisivas onde as pessoas podem ver os lugares e personagens. Ao realizar constantemente essas paradas ressaltando o processo descritivo das narrativas de suspense, fez com que os alunos produzissem textos narrativos onde a descrição enriqueceu suas histórias.

A leitura das histórias nas rodas pode ser feita literalmente, com adaptação ou mesmo recontada. A leitura interativa utilizando das expressões corporais e até teatrais servem de estímulo para uma atenção maior. O entusiasmo dos alunos e sua participação acabam por direcionar o melhor caminho a seguir. A provocação com perguntas como: “Quem será o criminoso?”, “O que vocês acham que o detetive fará?” quebram a sequência da história criando um momento de participação e volta da atenção.

As narrativas contadas ocorreram no final do século XIX e XX e alguns fatores podem ser desconhecidos pelos alunos dificultando o entendimento. Falar de carruagens, bengalas, enfim objetos e costumes diferentes precisam ser explicados para que possam compreender melhor a história.

A ocupação de lugares alternativos (biblioteca, escadaria da escola, pátio) foi determinante para o resultado positivo em todo o processo. A leitura em voz alta dos capítulos com adaptações, quando necessário, o uso de gestos e dramatizações, explicações de vocabulário e interação com os alunos foram importantes para que o interesse acontecesse a cada nova roda. A leitura auxilia a aquisição de uma “bagagem” de conhecimento linguístico.

Alguns autores como Pasquier e Dolz (2004) buscam a melhoria da escrita dos alunos por meio da Sequência Didática (SD). Para esses pesquisadores, todos podem escrever textos com coesão e coerência ao terem acesso a um ensino com condições adequadas. É necessário que os professores conheçam as condições da própria escola e alunos envolvidos para buscar

instrumentos didáticos adequados que facilitem a aprendizagem. A diversidade textual, para esses pesquisadores, é um dos principais fatores para atingir o objetivo.

Coelho (2009) ao fazer referência à diversidade de textos apontada pelo PCN e também por Pasquier e Dolz (1996) afirma ser necessário ter conhecimento dos gêneros, utilizar diferentes estratégias para que a aprendizagem ocorra, pois a falta de contato dos alunos com os diferentes gêneros resulta nas dificuldades de compreensão do funcionamento dos gêneros e produção de textos.

Pasquier e Dolz (1996) afirmam que ao oportunizar a diversidade textual haverá uma reflexão maior de como se organiza um discurso, de como se organiza a sequência textual e mesmo de como a organização dos enunciados podem acabar com produções adequadas a cada gênero.

Para esses pesquisadores, segundo Coelho (2009), aprender a escrever textos que atendam aos objetivos a serem alcançados, seja convencer, divertir, explicar e para qual leitor: autoridades, colegas de classe, pais ou professores e mesmo onde será publicado; enfim, só se consegue ter todo esse conhecimento tendo-se contato com textos que sejam referências.

Nessa perspectiva, espera-se que ao ouvirem narrativas de suspense nas rodas de leitura, os alunos compreendam a estrutura desse gênero, não só busquem novas leituras, mas também consigam produzir outros gêneros, na sequência.

Durante a roda de leitura, deve-se constantemente esclarecer como é a estrutura do texto trabalhado, alertando efetivamente aos alunos sobre a forma em que está escrita.

Para Dolz e Pasquier (2004, apud Coelho, 2009), a seleção de textos deve ser relevante às práticas sociais para que essas escolhas façam sentido aos alunos.

A Sequência Didática (SD) é entendida por Dolz, Noverraz e Schneuly (1994) como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual (oral ou escrito)” (p.94).

Dolz e Scheneuwly (apud COELHO, 2009) afirmam que para ensinar um gênero é preciso observar os conteúdos, a estrutura comunicativa, a intenção comunicativa, as configurações específicas das unidades linguísticas.

Assim, foi solicitada aos alunos uma produção oral e uma escrita de uma narrativa de suspense. Essa produção serviu de sondagem sobre o conhecimento dos alunos sobre esse gênero.

Com o diagnóstico feito, as estratégias de intervenção pedagógicas foram definidas respeitando as necessidades dos alunos envolvidos.

Além da representação da situação de comunicação, a elaboração do conteúdo, o planejamento do texto e a produção do texto; foram levados em consideração o saber, a observação e análise de pequenas produções de texto e o cuidado com a linguagem utilizada.

Após o processo de roda de leitura das narrativas de suspense e as etapas para o conhecimento do gênero, os alunos produziram novos textos, para a verificação do que foi assimilado por eles.

Narrativas de suspense

Esse gênero é bastante apreciado pelos alunos, motivo pelo qual foi escolhido. É uma narrativa que seduz e fascina o adolescente. Segundo Antunes (2009) “o gosto pela leitura de textos da esfera literária é adquirido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. Um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivido” (p.201).

De acordo com Barbosa (2001), as narrativas de suspense têm como elementos fundamentais:

Há um crime, uma vítima, alguém que solicita investigação, alguém que se propõe a investigar o suspeito e um culpado, que será desmascarado. O leitor tenta resolver o caso, assumindo, assim, a ótica do detetive. Há um conjunto de possibilidades- o autor vai espalhando pistas (falsas e verdadeiras) ao longo da história- sendo que as possibilidades menos prováveis vão sendo descartadas (p. 56).

Histórias em que o personagem Sherlock Holmes e seu companheiro Watson vivem várias situações foram contadas nas rodas de leitura, a fim de que pudessem seguir algumas pistas. Várias vezes, paramos no meio da história para que os alunos colocassem suas hipóteses sobre as pistas a seguir.

A SD uma maneira para que o processo de ensino/aprendizagem aconteça de forma satisfatória em Língua Portuguesa. Isso se faz especialmente na leitura e escrita, pois o ensino fragmentado e descontextualizado não deve acontecer sem uma ligação do cotidiano.

Sendo assim, a sequência didática construída inicialmente testada na UME que serviu de grupo controle é descrita a seguir.

Etapas 1- Apresentação da proposta e diagnóstico

2016- 8º ano- UME A. S.- Uma proposta de roda de leitura foi passada para a bibliotecária da escola. Para iniciar o projeto, a bibliotecária explicou aos alunos a estrutura da biblioteca, indicou o lugar que se encontram os principais títulos e gêneros e o significado dos números indicados nos livros (tombo). Depois, em roda de conversa, por meio de algumas perguntas, foi verificado que o grupo era composto por alunos que possuíam hábito leitor e também por alunos com grande dificuldade de leitura e compreensão de texto. Era preciso desenvolver um trabalho que atendesse a essa realidade diversificada.

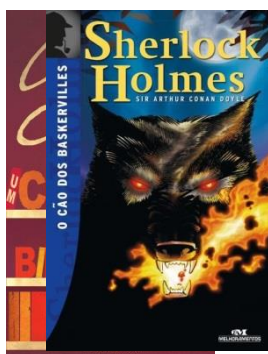
Num primeiro momento, os alunos puderam escolher um livro de seu interesse para ser lido em casa. Era esperado que alguns fizessem a leitura com facilidade e outros lessem o livro parcialmente, porém a intenção era que todos tivessem a possibilidade de escolha. A atividade feita, após a leitura, foi de recriação de capa e contracapa de livro. Por ser uma atividade simples, todos

poderiam participar independente do grau de dificuldade do aluno. Depois, em grupo, cada aluno contou a história do livro lido e o grupo deveria escolher a história mais interessante. Em seguida, cada grupo criou um cartaz de divulgação da história escolhida que ficou exposto na biblioteca. Dessa forma, eles puderam ter conhecimento de outras histórias que foram conhecidas por meio da escuta dos textos orais produzidos. A competência leitora, nessa perspectiva, é construída pela prática diária em sala de aula. Segundo as orientações dos PCN:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de formas a atender a essa necessidade (PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª Série, 1998, p. 15).

O segundo passo foi dado buscando atingir os objetivos propostos da atividade, aumentando o poder de leitura dos alunos e seu vocabulário. Cada classe escolheu um romance policial. Os livros escolhidos por classe foram:

Um corpo na biblioteca- Ágatha Christie; o fantasma de Canterville- Oscar Wilde; O fantasma da meia-noite- Sidney Sheldon; O cão dos Baskervilles- Sherlock Holmes.



Os livros escolhidos foram lidos em capítulos, cerca de duas aulas por semana, durante um mês aproximadamente. Alguns alunos mostraram-se mais interessados do que outros que apresentavam maiores limitações no vocabulário e foram mais resistentes à atividade. Apesar das dificuldades encontradas, é preciso perseverar para ampliação do horizonte dos alunos, tirando-os do conformismo e dando esperanças de novas conquistas. A maioria dos alunos se mostrou bastante interessada, principalmente porque foi feita na biblioteca de

maneira a estimular a todos. Uma minoria dos alunos se mostrou desatenta, não invalidando a atividade proposta. A leitura deve ser realizada de forma que desperte a atenção dos alunos. Nas primeiras vezes, a bibliotecária leu num tom de voz baixo, o que de certa maneira não surtiu o efeito desejado, porém, após alguns dias, ao modificar a maneira de fazer a leitura os alunos passaram a se interessar e pedir a continuação da atividade.

A leitura espontânea e de contar aos colegas o livro lido são sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

O professor deve permitir que também os alunos escolhessem suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que leem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás (p. 17).

Os PCN ainda fazem uma ressalva em relação à formação do leitor: “Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola (...)”. (PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª série, 1988; p.15).

No entanto, ao perceber que esses leitores não possuem referências de leitores em casa, esse foco deve ser muito mais explorado. Assim, o trabalho com a diversidade textual permitirá formar leitores competentes.

A falha no hábito de ler acarreta grandes dificuldades nas aprendizagens básicas das várias disciplinas que precisam dessa habilidade. O ideal seria que cada professor conseguisse trabalhar textos da sua disciplina, ampliando esse leque de leitura dos alunos, porém muitas vezes isso fica a cargo somente do professor de Língua Portuguesa. Para os PCN(1998) a escola “deve organizar-se em torno de uma política de formação de leitores. Todo professor, não apenas o de Língua Portuguesa, é também professor de leitura” (p.42).

Esse projeto procura a integração com a Biblioteca a fim de estimular a leitura autônoma e o desenvolvimento da atenção ao ouvir história, além de colocar os alunos neste ambiente, tornando-o um espaço a ser utilizado com mais frequência.

A experiência mostrou-se positiva. Durante todo o processo, os alunos fizeram comentários pertinentes, tornando a leitura mais dinâmica. Ao terminar a leitura do livro, mais uma vez, foi proposta uma atividade em grupo e lúdica, para que todos pudessem participar e se apropriar da história lida. Com a utilização de materiais artísticos, como pintura, colagem e desenho, os alunos fizeram cartazes dos quatro livros e espalharam pelo pátio da escola.

Depois da leitura desses livros, fizemos a leitura de mais um livro de suspense para cada classe. A leitura do segundo livro revelou que essa atividade trabalha a audição e atenção dos alunos, permite também debater os temas. As criações das capas e dos cartazes com sugestões de leitura do livro da classe estimulam outros alunos a lerem o romance policial sugerido por eles, despertando o interesse das outras classes, assemelhando-se ao jogo de escravos de Jó. Segundo Huizinga (1938) em seu livro *Homo Ludens*, o jogo é um elemento cultural e ultrapassa o aspecto físico ou biológico, possui função significativa; não só imediata, porém há um sentido para tal ação.

Os cartazes de sugestão de livros criados pelos alunos além de incentivar à leitura, preparam-nos para tarefas mais sérias no futuro. Os jogos, na vida humana, dão uma descarga de energia excessiva, que transforma tensão em alegria e assim nos divertimos.

Este processo só é possível mediante uma organização que priorize o benefício do coletivo. É fundamental que a escolha do livro seja feita de forma democrática e também que a leitura desse livro aconteça sistematicamente, isto é, em aulas semanais ou diárias, no início de cada aula, de acordo com as possibilidades da turma, para que a história tenha uma sequência que desperte o interesse dos alunos.

Atividades como as descritas acima não exigem muito material e propiciam, na verdade, o que se espera de todas as aulas: uma participação ativa do aluno, na construção do seu próprio conhecimento, por meio da leitura e produção de textos. E, com um pouco mais de aprofundamento, o professor pode mostrar aspectos linguísticos envolvidos, fazendo o que os PCN (1998) propõem: análise linguística.

Segundo Bakhtin (1952-53/ 1979), há uma interação constante entre emissor e receptor, de tal forma que a fala do emissor é influenciada pela atitude do receptor. Esse processo é extremamente observado na atividade proposta.

Após a leitura dos livros, alguns alunos passaram a utilizar a biblioteca mais intensamente, inclusive buscando novas leituras. Durante o processo de leitura do romance policial, alguns alunos se mostraram curiosos e leram o final da história mesmo antes da leitura coletiva e emprestaram os livros que estavam sendo lidos pelas outras classes. Assim, o espaço de leitura de livros na biblioteca propiciou ao aluno novas perspectivas e a leitura passou a ser uma boa opção de lazer.

O aluno precisa perceber a necessidade diária da leitura nas suas relações sociais e modificar sua visão sobre a leitura. De acordo com os PCN (1998), algumas condições são necessárias para o aprendizado inicial da leitura. São elas:

[...] organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola; construir na escola uma política de formação de leitores nas quais todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar. (PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª Série, 1998; p. 17).

Fica, portanto, evidente que alguns aspectos propiciaram a formação de leitores no 8º ano.

UME A. S. S.



Roda de leitura com a auxiliar bibliotecária e professora de Língua Portuguesa.



Os alunos puderam escolher o livro na biblioteca, ler, criar a capa e contracapa, contar as histórias lidas em grupo, escolher a mais interessante e fazer, na informática, sugestão de livro para ser colocado na escola. Todos os alunos participaram mesmo os que necessitavam de mediação, pois o trabalho era adaptado. O envolvimento da auxiliar bibliotecária, professora de informática e mediadores foi essencial.

2017- 8º ano- UME C. S.

Nos primeiros dias de aula, por meio de uma conversa, foi proposta aos alunos uma roda de leitura que aconteceria uma vez por semana. Após essa conversa, foi escolhido o gênero narrativa de suspense (romance policial e enigma).

Apresentei aos alunos uma coleção dos livros de Sherlock Holmes que foi distribuída pela classe para que pudessem manusear os livros e por meio de uma votação, foi feita a escolha do livro que seria lido na roda de leitura da classe.

Para que a roda de leitura acontecesse de forma satisfatória, conversamos sobre como aconteceria e algumas normas foram estabelecidas.

A intenção era repetir alguns procedimentos que foram realizados no grupo controle, mas nem tudo foi possível.

O ideal seria que a leitura acontecesse na biblioteca ou outro lugar adequado, porém o espaço da biblioteca estava sem condições. Havia uma série de livros jogados pelo chão, não havendo mesas suficientes ou mesmo espaço no chão para que os alunos pudessem ouvir a leitura de forma confortável.

O espaço foi um grande problema porque a biblioteca não possuía condições para a realização da proposta e, segundo a direção, não havia espaço disponível na escola para que criássemos um ambiente com almofadões e matérias necessários que seriam feitos pelo grupo em questão. A intenção era que toda a escola pudesse usufruir desse espaço que seria feito pelos alunos e professora do projeto. Mas os livros espalhados pela biblioteca não foram retirados por um longo tempo, não sendo possível a realização desse espaço de leitura almejado pelos alunos e professora. Quando isso aconteceu, o número de cadeiras não era suficiente para a ida de toda a sala, assim, os alunos levavam suas cadeiras para a biblioteca, quando a roda acontecia nesse espaço.

Diante dos fatos, pude perceber a importância da parceria com o auxiliar bibliotecário da escola para que um projeto de leitura aconteça com o sucesso almejado como ocorreu com a auxiliar bibliotecária Gisélia da UME do ano

anterior. Ela não só gostou da proposta como participou de forma significativa, trazendo títulos do interesse dos alunos e conversando com os mesmos em horário de intervalo buscando sempre a melhoria do projeto desenvolvido. No ano seguinte, 2017, os alunos que fizeram parte do grupo controle, onde tiveram a participação da auxiliar bibliotecária, continuaram a retirar livros da biblioteca com a mesma frequência do ano anterior.

Porém, em 2017, o auxiliar bibliotecário do grupo experimental não quis participar do projeto e criou uma série de dificuldades para que isso acontecesse. A direção ficou feliz com a proposta, porém não viabilizou espaço adequado para a realização da mesma.

Dessa forma, apesar da roda de leitura ter acontecido, foram realizadas em espaços alternativos (biblioteca sem número suficiente de cadeiras, sendo necessário que os alunos levassem a sua cadeira; escadaria da escola; ou mesmo na sala de aula em círculo).

UME C. S.

Confecção de cartaz para divulgação do livro lido: coleção do Sherlock Holmes. Exposição na Feira das Ciências da escola.





Roda de leitura em espaços alternativos: na escadaria da escola:



Exposição dos cartazes de divulgação das histórias lidas na roda de leitura.





Alunos visitando a exposição dos próprios trabalhos e espaço para leitura de todas as histórias de Sherlock Holmes. A coleção de Sherlock Holmes está nas mesas para que os alunos possam manusear.

Ao chegar à classe, na aula seguinte após ter concluído a leitura do Livro O cão dos Baskervilles, os alunos pedem nova roda de leitura. A lousa está escrita e os alunos sentados. Essa atitude mostra o interesse deles na atividade desenvolvida.



Sessão simultânea de leitura, na biblioteca: Criação de capa e contracapa. A atividade é desenvolvida de maneira organizada e interessada.

Observação: Todas as famílias ao assinarem a ficha de matrícula dos alunos autorizaram a divulgação da fotografia dos filhos. Além disso, os alunos envolvidos trouxeram as autorizações assinadas para participarem da pesquisa aqui desenvolvida inclusive as fotos.

Atividade 1- Conhecendo os saberes prévios

- a) A sondagem inicial foi feita para identificar o conhecimento do que os alunos já sabiam sobre narrativas de suspense. Essa atividade realizada em roda de conversa na sala de aula/biblioteca/ou espaços alternativos na escola serviu para que o professor/mediador compreendesse o que os alunos realmente sabiam do tema. Na roda, os alunos foram questionados sobre as narrativas de suspense que conheciam e se era um gênero aceito por eles. Nesse momento, os alunos fizeram comentários sobre filmes, músicas, vídeos que mostravam algum suspense.
- b) Os alunos pesquisaram algumas histórias de suspense na biblioteca e pela internet que foram lidas na sala de aula. Após essa apresentação, conversas sobre as histórias fizeram parte da roda. Nesse momento, os alunos expressaram opiniões sobre algumas histórias apresentadas pelos colegas, além de características da época, espaço, personagens, conflitos etc.

Atividade 2- Conversa em roda

Momento para instigar o interesse dos alunos com algumas questões que foram respondidas oralmente:

- a) Alguém conhece o autor das obras de Sherlock Holmes?
- b) Esse personagem é conhecido por algum aluno?
- c) Conhecem alguma história em que Sherlock Holmes é personagem?
- d) Qual o tema das histórias de Sherlock Holmes?
- e) Vocês gostam de narrativas de suspense? Por quê?
- f) Quem é o parceiro fiel de Sherlock Holmes?

- g)** Você já viu algum filme ou série ou desenho em que Sherlock Holmes atuou?

Atividade 3- Roda de leitura

Roda de leitura de histórias de Sherlock Holmes escolhidas pela classe. O professor/mediador distribuiu uma coleção e os alunos puderam escolher o livro que foi lido em capítulos. Cada classe teve aula já prevista durante a semana para que a roda de leitura ocorresse. Foi realizada na biblioteca e em espaços alternativos da escola, como a escadaria da frente da escola e pátio.

Atividade 4- Produção

Ao término da leitura da história escolhida, os alunos fizeram um cartaz de sugestão do livro lido pela classe que foi colocado pela escola com a finalidade de incentivar outros alunos à leitura.

Atividade 5- Filme

Assistir ao filme de Sherlock Holmes para que os alunos pudessem fazer uma comparação do texto escrito e filmado.

Reapresentação dos elementos da narrativa

Os elementos fundamentais da narrativa são:

- a) Personagem-** O texto é narrado em torno do personagem. Ele pode ser o protagonista da história (principal), antagonista (contrário ao personagem principal) ou secundário (participação menos significativa). Mostrar aos alunos que os personagens possuem características físicas e psicológicas que podem ser importantes para o desenvolvimento da história.

- b) Conflito-** É o enredo ou trama que serviram para o desenvolvimento da história.
- c) Desenvolvimento-** é o desenrolar da história, maior parte em que acontecem os fatos.
- d) Clímax-** parte da história que apresenta a maior emoção. Fica próximo ao desfecho. É a parte que quando bem elaborada pode indicar mais interesse na leitura.
- e) Desfecho-** final da história.
- f)** Outro elemento como narrador, que pode ser também o personagem, quando a história estiver narrada em 1ª pessoa, ou narrador observador, quando narrado em 3ª pessoa. O tempo e o espaço devem ser bem elaborados para criar maior suspense e interesse do leitor.

O produto escolhido para ser apresentado ao final dessa pesquisa foi criação de uma biblioteca itinerante com a finalidade de proporcionar ao aluno um ambiente convidativo para a prática leitora. É uma biblioteca com rodas e deve ser deslocada para espaços alternativos da escola. Dessa forma, espera-se que a interação com o livro se faça de maneira prazerosa com o reconhecimento das múltiplas informações e entretenimento. Alunos diversos podem compartilhar experiências leitoras e trocas de sugestão de livros, assim como as várias interpretações possíveis. Nesses momentos, os alunos podem estabelecer relações com outros textos, ampliando o vocabulário e mesmo os repertórios literários e gêneros textuais. Apesar de estarmos focando nas narrativas policiais e suspense, outros gêneros podem fazer parte do acervo dessa biblioteca.

A biblioteca itinerante já foi testada e foi recebida com bastante entusiasmo. Os alunos adoraram ler, observar os títulos, as sinopses, conhecerem autores e ilustradores. Com essa experiência, viram o livro como um todo, onde os textos verbais e não verbais se completam.

Apesar de o produto desenvolvido ter sido um sucesso, ele não era a ideia inicial. Em conversa com os alunos, surgiram algumas ideias, entre elas, a montagem de um espaço fora da sala de aula. Podendo ser num canto da biblioteca ou outro lugar disponível. Os alunos ficaram entusiasmados em criar

esse espaço com almofadas, tapetes e livros que atendessem ao interesse desse grupo em especial.

Porém, não houve condições para que esse espaço fosse criado, muitos empecilhos apareceram dificultando a realização. Os alunos estavam empolgados, mas não havia espaço disponibilizado pela escola e nem mesmo na biblioteca. Dessa maneira, a solução foi criar essa biblioteca itinerante que pudesse ser locomovida para lugares diversos da escola.

Muito se fala em incentivo à leitura, mas as escolas precisam se preocupar em criar esse espaço afim disso realmente acontecer.

Realizei uma pesquisa significativa sobre espaços de leitura nas escolas, porém pude observar que a maioria dos lugares é preparada para atender crianças menores e não há muita coisa em relação aos alunos dos anos finais. Fiz o estudo da arte nesse sentido e poucos trabalhos sobre roda de leitura nos anos finais do Ensino Fundamental foram encontrados.

É importante que alunos/ professores/ bibliotecário/ direção caminhem juntos para que os resultados sejam atingidos de forma plena. Encontrei muitas dificuldades dentro da escola e poucas atitudes que viabilizassem a montagem desses espaços. Falta um empenho coletivo dos professores, direção e bibliotecários, não havendo um profissional ou técnico na escola que desenvolva projetos de leitura.

A biblioteca itinerante é resultado da busca pela concretização da roda de leitura em espaços alternativos e para que essas aconteçam com êxito.

Sugestão- Biblioteca itinerante- Leitura em espaços alternativos



Uma biblioteca itinerante foi idealizada a fim de ser levada pela escola em ambientes diversificados, pois possui rodinhas de silicone. Essa biblioteca foi produzida em madeira estofada, em formato de um livro, com portas que se abrem para prateleiras que comportam cerca de 50 livros. Há espaço para colocação de mantas que servem para dar mais conforto e comodidade aos alunos durante as leituras realizadas em espaços alternativos da escola. Os livros dessa biblioteca devem ser trocados de tempos em tempos com a finalidade de motivar os alunos continuamente para novas escolhas leitoras. Na parte de dentro da porta há espaço para colocação de material como folhas e outros materiais que devem ser usados nas atividades do livro lido.

Os alunos já tiveram acesso a essa biblioteca e ficaram bastante empolgados com a proposta dela se movimentar pela escola. Essa atitude dos alunos mostra que eles têm interesse em ouvir histórias, porém falta uma adequação de espaço nas escolas e projetos de incentivo contínuo, não um projeto isolado num determinado período do ano.

A sugestão de proposta após a pesquisa aqui desenvolvida é a criação de espaços para que ocorram as rodas de leitura de narrativas de suspense ou mesmo outras leituras de acordo com a proposta do grupo de alunos. Esses espaços devem ocorrer onde a biblioteca itinerante for levada.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Narrativa de Enigma**. São Paulo: FTD, 2001.

_____. **Gêneros do discurso na escola: redescobrimos princípios e práticas**/ Jacqueline Peixoto Barbosa, Célia Fagundes Rovai- 1 ed- São Paulo. FTD, 2012.

BAKHTIN, M, **Os gêneros do discurso**. In: *BAKHTIN*, M. Estética da criação verbal. São. Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306. Resenhado por Rita Signor.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRONCKART, J.P. Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. Gêneros textuais, tipos de discursos e operações psicolinguísticas. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, 2003.

BRASIL. **Política para a formação de leitores. Uma proposta pedagógica. Documento preliminar**. Brasília: MEC, 2005, 22p. (mimeo).

COELHO. Irene da Silva, **Hibridismo do gênero crônica: Discursividade e autoria em produções do E.F.II-** trabalho de dissertação de doutorado, 2009.São Paulo- S.P.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem** [Trad. Daniel Bueno]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LERNER, Délia; **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**, Porto Alegre ARTMED, 2002, reimpressão 2008.

LUZURIAGA, L. 1959. **História da Educação Pública**. 1ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, vol. 71, 159 p. (Coleção Atualidades Pedagógicas).

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Língua Portuguesa**: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. – Brasília : A Secretaria, 1998.

PASQUIERI, A., DOLZ, J. **Um decálogo para ensinar a escribir**. In CULTURA y Educacion, 2: 1996, p31-41. Madrid: Infancia y Aprendizaje. Tradução provisória de Roxane Helena Rodrigues Rojo. Circulação restrita.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**, Cortez Editora, 2009, 14ª edição.